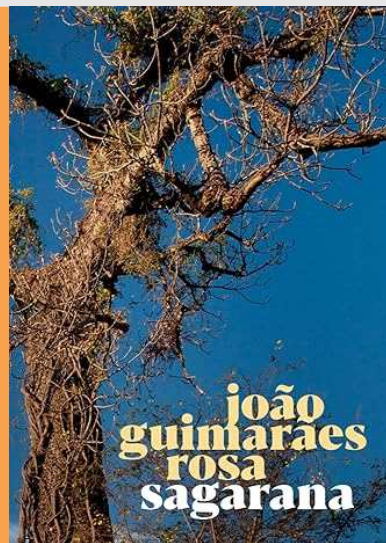


Sagarana (hibridismo entre saga, radical germânico que significa “lenda”, e rana, palavra de origem tupi que expressa semelhança) é um livro de contos do imortal da Academia Brasileira de Letras João Guimarães Rosa. Reúne 9 histórias que descrevem, com a criatividade e técnica inovadora de Guimarães Rosa, paisagens e personagens do sertão de Minas Gerais. O livro, o primeiro do autor, prenuncia toda a inovação e o estilo inconfundível de Guimarães Rosa com sua cuidadosa criação de neologismos e a utilização da oralidade do sertanejo, regionalidades e expressões antigas, com uma técnica que distingue para sempre na literatura brasileira. Em carta ao jornalista João Condé, autor da coluna Arquivos Implacáveis, Rosa explicou detalhadamente o processo criativo de Sagarana. Em um dos trechos da missiva, Rosa explica como definiu o cenário de suas histórias: “Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores.” Explicou também como o livro foi escrito: “O livro foi escrito – quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas – em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945, foi ‘retrabalhado’, em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez.)”



Apresentada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a exposição **Eckhout: Trânsitos do Olhar**, com curadoria de Paulo Knauss, diretor do Museu IHGB, reúne as cópias dos famosos retratos feitos por Albert Eckhout de indígenas do Brasil durante a ocupação holandesa no Nordeste brasileiro, no século XVII, comentados pelo naturalista alemão Alexander von Humboldt em **Cosmos**, um dos mais populares livros de ciência do século XIX. Após ter realizado uma viagem à Dinamarca para conhecer os retratos feitos por Eckhout, Dom Pedro II encomendou ao artista **Niels A. Lützen**, em formato menor, cópias dos retratos para doar ao IHGB e tornar as imagens conhecidas no Brasil. Na mostra, o trabalho de Lützen dialoga lado a lado com a criação contemporânea da artista paraense Nay Jinkns, em uma discussão sobre o olhar do colonialismo. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Avenida Augusto Severo, 8/11º andares, Glória. Grátis. As visitas devem ser agendadas pelo e-mail agendamento@ihgb.org.br. Até 12 de dezembro.

LÜTZEN, Niels A., 1826-1890. Mulher tupi com criança (cópia de Albert Eckhout). Óleo sobre tela, 1877.



Classificado pela crítica especializada como um clássico nacional, o filme **Deus e o diabo na terra do sol**, de 1964, um drama dirigido por Glauber Rocha, é considerado um marco do cinema novo (movimento cinematográfico brasileiro, destacado pela sua crítica à desigualdade social que se tornou proeminente no Brasil durante os anos 1960 e 1970). Em 2015 o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Representou oficialmente o Brasil no festival de Cannes de 1964 e no Oscar de melhor filme estrangeiro em 1965. O filme conta o drama do casal Manoel e Rosa, dois sertanejos que sobrevivem duramente em uma terra desolada pela seca. Manoel se desilude quando o coronel com quem fez uma meação de gado frustra seu plano de usar o lucro da venda do gado para comprar um pedacinho de terra. Em um acesso de fúria, Manoel mata o coronel e foge com Rosa. Eles se juntam a religiosos liderados por um santo (Sebastião) que lutava contra os latifundiários e buscava o paraíso após a morte. Os coronéis contratam um matador, Antônio das Mortes, para caçar e dizimar o grupo de Sebastião. Disponível na Globoplay.



Você Sabia?

Você sabia que o Consulado Francês disponibiliza uma biblioteca de acesso livre? A biblioteca do Consulado da França, no Centro, existe desde 1956. Passou por uma reforma que durou dois anos. Em 2016, o espaço, remodelado com toque de design contemporâneo, foi inaugurado como BiblioMaison. Com arquitetura moderna aliada à estonteante vista da Baía de Guanabara e do Pão de Açúcar, oferece um acervo com 23 mil títulos, com equipamentos de mídias eletrônicas à disposição, telas para os DVDs do acervo, diversos ambientes pensados para o relaxamento, leitura, trabalho, jogos de tabuleiro e um café. Oferece ainda palestras, debates, conversas com autores e encontros que valorizam a língua francesa. No local ainda funciona o Campus France, que é o serviço oficial de informações sobre estudos na França. O catálogo on-line da **BiblioMaison** e outras informações podem ser acessados pelo endereço <https://bibliomaison.net.br/>. Horário de funcionamento: das 10h às 17h, de terça-feira a sexta-feira. Av. Presidente Antônio Carlos, 58 - 11º andar, CENTRO - Rio de Janeiro. Tel.: 3974-6669. E-mail: mediateca@bibliomaison.net.br

